

Sharon Kam Liza Ferschtman Christian Poltéra Enrico Pace



07 abr 26

07 abr 26 TERÇA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Sharon Kam Clarinete

Liza Ferschtman Violino

Christian Poltéra Violoncelo

Enrico Pace Piano

Erwin Schulhoff

Duo para Violino e Violoncelo, WV 74 c. 20 min

1. *Moderato*
2. *Zingaresca: Allegro giocoso*
3. *Andantino*
4. *Moderato – Presto fanatico*

Béla Bartók

Contrastes, Sz. 111 c. 18 min

1. *Verbunkos* (Canto de recrutamento)
2. *Pihenő* (Repouso)
3. *Sebes* (Dança viva)

INTERVALO

Olivier Messiaen

Quatuor pour la fin du Temps c. 50 min

1. *Liturgie de cristal*
2. *Vocalise, pour l'Ange qui annonce la fin du Temps*
3. *Abîme des oiseaux*
4. *Intermède*
5. *Louange à l'Éternité de Jésus*
6. *Danse de la fureur, pour les sept trompettes*
7. *Fouillis d'arcs-en-ciel, pour l'Ange qui annonce la fin du Temps*
8. *Louange à l'Immortalité de Jésus*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h

INTERVALO DE 20 MIN

Erwin Schulhoff

(Praga, 1894 – Wülzburg, 1942)

Duo para Violino e Violoncelo, WV 74

COMPOSIÇÃO 1925

DURAÇÃO c. 20 min

Erwin Schulhoff, compositor e pianista checo de ascendência germânica, foi um dos criadores mais prolíficos e multifacetados do seu tempo. Demonstrou talento musical desde tenra idade e estudou no Conservatório de Praga, sob recomendação de Antonín Dvořák, aprofundando depois os seus estudos de piano, composição e direção de orquestra em Viena, Leipzig e Colónia. À influência determinante de Max Reger viria a juntar-se o interesse especial por Richard Strauss, até que a descoberta de Debussy, em 1912, com quem chegou a estudar durante um breve período no ano seguinte, o libertou da adesão estreita a normas estabelecidas. Entretanto, a sua participação na Primeira Guerra Mundial, ao serviço do exército austro-húngaro, marcou um ponto de viragem na sua biografia, o que a nível composicional se refletiu, desde logo, numa recusa da linguagem pós-romântica que havia praticado até então. Estabelecido em Dresden, aprofundou a sua ligação à esquerda política e desenvolveu o seu interesse pelas artes visuais, assim como pelo atonalismo livre da Segunda Escola de Viena. Em simultâneo, sentiu-se atraído pelo movimento dadaísta de Berlim, cidade para onde se mudaria no início de 1922. A isto acrescia o seu interesse pelo jazz e pela música de dança, referências que surgem com frequência na sua obra.

Por altura do regresso a Praga, em 1923, enfeitou o atonalismo do círculo de Schönberg em favor de um novo interesse pelo neoclassicismo francês e pelo folclore eslavo. Já nos anos trinta, Schulhoff aproximou-se dos ideais soviéticos, o que o levou a esposar a doutrina do realismo socialista. De resto, a sua última década de vida foi marcada por uma série de infortúnios pessoais e profissionais. Em junho de 1941, sendo judeu, foi preso pelas autoridades nazis – que haviam categorizado a sua música entre a “arte degenerada” – e deportado para o campo de concentração de Wülzburg, na Baviera, onde faleceu de tuberculose em agosto de 1942. Apesar de no seu tempo ter sido reconhecido a nível internacional como pianista e compositor, a sua obra era assim quase totalmente apagada da história da música.

O Duo para Violino e Violoncelo, WV 74, foi composto em 1925, no auge da sua carreira, tendo sido dedicado a Leoš Janáček. Trata-se de uma das suas obras-primas, que ao longo de quatro andamentos explora, de modo extraordinariamente imaginativo e dinâmico, as potencialidades deste agrupamento, com toda uma panóplia de recursos técnicos e expressivos. O 1.º andamento, *Moderato*, adota a estrutura de um rondó, iniciando-se com um tema

sinuoso e angustiado que assume um papel unificador e que reaparecerá, variado, nos andamentos finais. Esse tema alterna com dois episódios contrastantes: primeiro uma melodia folclórica de carácter rítmico, *Allegretto*, tocada pelo violino sobre um bordão do violoncelo, e depois uma explosão de grande ferocidade e virtuosismo. Na coda, a música eleva-se tranquilamente em harmónicos etéreos. O 2.º andamento, *Zingaresca*, é um enérgico *scherzo* de inspiração cigana – tópico já amplamente usado por Haydn e Brahms, entre outros –, que resulta numa dança exótica e virtuosística, nomeadamente pelo *accelerando* selvagem que constrói o clímax da secção central. Segue-se o *Andantino*, um momento lírico e delicado, baseado no tema que abriu a obra. Aqui, o violino enuncia uma melodia simples, com surdina, sobre o acompanhamento do violoncelo em *pizzicato*, papéis que se invertem em várias ocasiões. Por fim, o 4.º andamento, *Moderato – Presto fanatico*, começa também ele por evocar a cantilena inicial, envolta numa atmosfera bastante expressiva, por vezes próxima de uma abordagem expressionista, até que uma série de poderosos acordes subitamente lança o frenético galope, de uma intensidade bartókiana, que avança impetuosamente para o fim.

Béla Bartók

(Nagyszentmiklos, 1881 – Nova Iorque, 1945)

Contrastes, Sz. 111

COMPOSIÇÃO 1938/1939

DURAÇÃO c. 18 min

Béla Bartók foi um dos compositores mais originais e versáteis da primeira metade do século XX, tendo-se assumido como uma figura de grande relevo no contexto da cultura musical húngara. O seu estilo absorveu e sintetizou influências tão diversas como as de Brahms, Richard Strauss, Liszt, Debussy e Stravinsky, aliadas a um interesse pelo folclore musical da sua Hungria natal, com toda uma variedade e riqueza de recursos em termos rítmicos, melódicos e harmónicos. Em 1938, numa fase em que o seu estilo individual já estava claramente definido, o compositor recebeu a encomenda de uma obra da parte do clarinetista Benny Goodman e do violinista Joseph Szigeti. Inicialmente tinham em mente uma peça rapsódica em estilo húngaro, com uma introdução lenta e uma secção principal mais rápida, e foi nesse formato que a obra, originalmente intitulada *Duas danças*, foi estreada em janeiro de 1939, no Carnegie Hall, mas dada a insatisfação de todos com o resultado, Bartók resolveu acrescentar um andamento central lento. Foi em abril de 1940 que teve lugar a estreia dessa versão final, intitulada *Contrastes*, justamente porque, tratando-se da primeira vez que o compositor usava um instrumento de sopro numa obra de câmara, ao refletir sobre o modo de combinar timbres tão díspares optou antes pela exploração deliberada das

suas diferenças. Sendo Goodman e Szigeti virtuosos consagrados, é às partes de clarinete e violino que cabe a escrita mais brilhante. Na verdade, esses intérpretes têm mesmo de usar dois instrumentos, cuja exploração Bartók leva ao limite: o clarinetista tem de usar clarinetes em Si bemol e em Lá, enquanto o violinista precisa de um violino com afinação tradicional e outro em *scordatura* (com a quarta corda afinada em Mi bemol), o que contribui para produzir os sons “diabólicos” das quintas diminutas. Apesar de ser menos proeminente em termos de escrita virtuosística, a parte de piano assume uma importante função rítmica e colorística.

O 1.º andamento é um *Verbunkos*, derivado de uma dança de recrutamento magiar do século XVIII, que era executada por um regimento de soldados como forma de atrair jovens para o serviço militar. Aqui, cabe ao clarinete apresentar o tema principal e grande parte do material musical, repleto de ritmos majestosos e melodias insinuantes, culminando numa cadência brilhante. O andamento central, *Lento*, intitulado *Pihenő* (que significa “relaxamento”), decorre numa atmosfera noturna, à maneira de um coral pontuado por gestos ameaçadores, e incluindo ainda uma secção central mais agitada. O andamento final, *Sebes*, evoca

a dança rápida que os futuros recrutas improvisavam antes de se alistarem no serviço militar. Na primeira secção, é novamente o clarinete que apresenta o tema principal, sobre quintas do violino em *scordatura*, intensificando-se esse dinamismo com a energia bárbara da secção central, construída sobre um ritmo búlgaro de 8 + 5. No final, a exigente cadência do violino conduz a obra para uma conclusão frenética.

Olivier Messiaen

(Avignon, 1908 – Clichy, 1992)

Quatuor pour la fin du Temps

COMPOSIÇÃO 1940-41

ESTREIA Görlitz (Stalag VIII-A), 15 de janeiro de 1941

DURAÇÃO c. 50 min

Olivier Messiaen foi uma figura central da composição musical no século XX, não só pela singularidade da sua atividade criativa, mas também pela influência exercida enquanto pedagogo sobre alguns dos principais compositores das gerações subsequentes. A linguagem composicional que desenvolveu foi marcada por um conjunto heterogêneo de referências. Avulta, primeiramente, a extraordinária familiaridade que desde cedo desenvolveu com toda a obra de Debussy, bem como, daí decorrente, a afeição que nutria pelos estilos musicais do Extremo Oriente (sobretudo das culturas indiana e japonesa). Para além disso, é também importante o seu interesse por elementos da música europeia da Idade Média e da Renascença. Não menos relevante foi o seu fascínio pelo mundo natural – em particular os cantos de pássaros – e pelos fenómenos sinestésicos. Destaca-se, acima de tudo, a dimensão religiosa da sua abordagem à composição musical: católico devoto, Messiaen costumava descrever-se a si mesmo como “músico-teólogo”.

Por altura do início da Segunda Guerra Mundial, considerado inapto para o serviço militar devido aos seus problemas de visão, Messiaen desempenhava funções como auxiliar médico em Verdun. Quando se

deu a invasão alemã, em maio de 1940, foi capturado e levado para um campo de prisioneiros em Görlitz, na Silésia (na atual Polónia), onde permaneceu até à primavera de 1941. A primeira peça que escreveu quando prisioneiro foi um pequeno trio para violino, clarinete e violoncelo, dedicado a um grupo de instrumentistas que lá se encontravam. Posteriormente trabalharia mesmo numa obra de câmara em larga escala para este mesmo agrupamento, acrescentando-lhe o piano (que incluiria esse trio inicial como o seu quarto andamento). O *Quatuor pour la fin du Temps* seria assim estreado na noite de 15 de janeiro de 1941, perante uma plateia de 5000 presidiários. A obra consiste numa sequência de oito andamentos baseados numa passagem bíblica do Livro do Apocalipse, em que o “fim dos tempos” é entendido por Messiaen como significando o início da eternidade.

O 1.º andamento, *Liturgie de cristal*, representa o despertar dos pássaros na madrugada, explorando dois ostinatos rítmicos independentes, no clarinete e no violino. Segue-se *Vocalise, pour l'Ange qui annonce la fin du Temps*, que segundo o compositor evoca, nas suas secções extremas, o poder do Anjo, e na sua secção central as harmonias inefáveis do Céu.

Abîme des oiseaux, é um momento de grande exigência técnica para o clarinete solo, e o *Intermède* é um pequeno *scherzo* para clarinete, violino e violoncelo. O 5.º andamento, *Louange à l'Éternité de Jésus*, é um hino de louvor, um cântico extático no violoncelo, sobre os acordes repetitivos do piano, e em *Danse de la fureur, pour les sept trompetes* os quatro instrumentos movem-se num uníssono feroz, com um forte carácter rítmico. Depois, *Fouillis d'arcs-en-ciel, pour l'Ange qui annonce la fin du Temps*, retoma material do 2.º andamento, evocativo do poder do Anjo do Apocalipse, e por fim *Louange à l'Immortalité de Jésus* é um derradeiro hino de louvor, um expansivo solo de violino que, nas palavras de Messiaen, representa a humanidade de Jesus e a ascensão do Homem em direção a Deus.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

Sharon Kam

Sharon Kam estreou-se com a Orquestra Filarmônica de Israel e o maestro Zubin Mehta aos 16 anos de idade. Aos 21 anos, venceu o Concurso Internacional ARD, tendo em seguida atuado com a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig e Kurt Mazur, a Filarmônica de Tóquio, a Filarmônica de Berlim, a Filarmônica Checa, a Sinfônica de Chicago, a Sinfônica KBS de Seul, a Academy of St. Martin in the Fields e a Camerata Salzburg, entre outras orquestras.

No domínio da música de câmara, colabora regularmente com outros músicos como Christian Tetzlaff, Enrico Pace, Julian Steckel, Leif Ove Andsnes, Antje Weithaas, Liza Ferschtman, Christian Poltéra e o Quarteto Schumann. É convidada regular de festivais de música como os de Rheingau, Risør, Edimburgo, Heidelberg, Verbier, Stavanger e Heimbach.

Ativa intérprete de música contemporânea, estreou novas obras de Penderecki, Herbert Willi, Iván Erőd, Thorsten Encke e Peter Ruzicka. Trabalhou também em estreita colaboração com os compositores Brett Dean, Thomas Larcher, Manfred Trojahn, Donghoon Shin e Huw Watkins. Em julho de 2025, estreou o concerto para clarinete *FINTango* de H. K. Gruber, com a Orquestra Sinfônica da Rádio de Viena.

Os destaques da temporada 2025/26 incluem apresentações com orquestras em Turku, Brno, Munique, Zurique e Bregenz. Além disso, um novo programa em trio com a soprano Chen Reiss e a pianista Yael Kareth leva-a a atuar na Elbphilharmonie de Hamburgo, no Tonhalle de Zurique, no Ludwigsburger Schlossfestspiele e na Villa Musica. A sua colaboração com o Quarteto Schumann expande-se e incluirá o *Divertimento* de Mátyás Seiber, para além dos quintetos com clarinete de Mozart, Brahms e Weber. Além da Fundação Gulbenkian, atua ainda no Prinzregententheater de Munique e no Glocke de Bremen, entre outros palcos.

Liza Ferschtman

Amar profundamente a música e partilhar esse sentimento com o público é a razão de ser de Liza Ferschtman. A sua ampla carreira internacional é tão variada como o repertório que apresenta, onde a literatura musical clássica é tão importante como tocar ou colaborar com os nomes da atualidade. Especializou-se na exigente disciplina do recital para violino solo, sendo reconhecida pelas suas interpretações das obras para violino solo de J. S. Bach e de Biber.

Como solista de concerto, apresenta-se com as principais orquestras mundiais, sob a direção de maestros como Iván Fischer, Antonello Manacorda, John Storgårds, Juraj Valčuha ou Stéphane Denève. Como solista e diretora de orquestra, trabalha com orquestras como a Amsterdam Sinfonietta, a Potsdam Kammerakademie, a Orquestra de Câmara Franz Liszt ou a ORCAM Madrid.

A sua criatividade como diretora artística e curadora floresceu numa ampla e dinâmica gama de projetos internacionais. No domínio da dança, colaborou na criação de uma *performance* em torno do seu trabalho a solo com a companhia de dança moderna LeineRoebana. É também uma colaboradora frequente do Ballet Nacional dos Países Baixos. Foi Diretora Artística do Festival de Música de Câmara de Delft, tendo-o expandido para um evento anual multi-artístico, conquistando um lugar único no panorama cultural neerlandês.

Liza Ferschtman cresceu numa família de músicos profissionais. A escolha do violino pode não ter sido definitiva até ao início da adolescência, mas o que sempre foi muito claro foi o grande amor de Liza pela música. Através da orientação cuidadosa dos seus professores, Alla Kim e Herman Krebbers, o entusiasmo musical e a expressão instrumental uniram-se, resultando na sua vitória, aos 17 anos, no Concurso Nacional de Violino dos Países Baixos.

Christian Poltéra

Christian Poltéra nasceu em Zurique. Depois de estudar com Nancy Chumachenco e Boris Pergamenschikow, foi aluno de Heinrich Schiff em Salzburgo e Viena. Como solista, colabora com orquestras de renome como a Filarmónica de Munique, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Los Angeles, a Filarmónica de Oslo, a Orchestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia, a Orquestra de Paris, a Sinfónica da BBC, a Orchestre Révolutionnaire et Romantique ou a Orquestra de Câmara da Europa, dirigida por maestros como Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnanyi, Andris Nelsons ou John Eliot Gardiner.

Dedica-se também à música de câmara, com músicos como Isabelle Faust, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida, Kathryn Stott, Esther Hoppe e Ronald Brautigam, e com os quartetos Auryn, Zehetmair e Hagen. Juntamente com Frank Peter Zimmermann e Antoine Tamestit, formou o Trio Zimmermann, que se apresenta nas salas de concertos e festivais mais prestigiados da Europa.

Em 2004 recebeu o Prémio Borletti-Buitoni e foi selecionado como *BBC New Generation Artist*. É presença assídua em festivais de renome como os de Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena, e estreou-se nos *BBC Proms* em 2007.

A discografia de Christian Poltéra, aclamada pela imprensa internacional, reflete o seu repertório variado, que inclui concertos de Dvořák, Dutilleux, Lutosławski, Walton, Hindemith e Barber, bem como música de câmara de Prokofiev, Brahms, Beethoven e Schubert. Christian Poltéra é professor na Universidade de Lucerna. Toca um violoncelo Antonio Casini construído em 1675 e o famoso Stradivarius “Mara” de 1711.

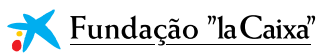
Enrico Pace

O pianista italiano Enrico Pace nasceu em Rimini. Estudou piano com Franco Scala no Conservatório Rossini de Pesaro, onde se diplomou em Direção de Orquestra e Composição, e na *Accademia Pianistica Incontri col Maestro*, em Imola. Em 1989 venceu o Concurso Internacional de Piano Franz Liszt de Utrecht, o que marcou o início da sua carreira internacional. Como solista de concerto, atuou sob a direção de maestros de renome como Daniele Gatti, Roberto Benzi, David Robertson, Andrey Boreyko, Mark Elder, Janos Fürst, Eliahu Inbal, Lawrence Foster, Gianandrea Noseda, Walter Weller, Carlo Rizzi, Jan Latham-Koenig, Vassily Sinaisky ou Bruno Weil. Realizou muitas digressões, tendo-se apresentado em prestigiados palcos como o Concertgebouw de Amsterdão, o Scala de Milão ou o Wigmore Hall de Londres. Atuou também em festivais como os de La Roque-d'Anthéron, Verbier, Lucerna, Rheingau e Schleswig-Holstein.

Enrico Pace mantém parcerias com os violinistas Leonidas Kavakos e Liza Ferschtman, o violoncelista Sung-Won Yang e a clarinetista Sharon Kam. Outros parceiros de música de câmara incluem Frank Peter Zimmermann, Daniel Müller-Schott, Igor Roma e Marie Luise Neunecker, bem como os quartetos Keller, Vanbrugh e Prometeo.

Entre os destaques recentes, incluem-se: o ciclo de sonatas de Beethoven, com Leonidas Kavakos, em Nova Iorque, Atenas, Florença, Milão, Amsterdão, Moscovo e Tóquio; sonatas de J. S. Bach, com Frank Peter Zimmermann, em Nova Iorque, Amsterdão, Zurique, Frankfurt, Bamberg e Japão; uma apresentação de *Schwanengesang*, de Schubert, no Scala de Milão, com Matthias Goerne; recitais com o violetista Antoine Tamestit, em Zurique, Frankfurt e Colónia; recitais com Akiko Suwanai, no Japão e em Londres; e recitais a solo em Amsterdão e Munique.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



